

A arte de criar coelhos

A cunicultura pode ser ótima ideia do ponto de vista doméstico, profissional e até terapêutico, mas os animaizinhos precisam de atenção especial

Eles são dóceis por natureza e podem ser domesticados feito gatos. No entanto, a criação de coelhos exige cuidados que costumam ser dispensados a outros animais. Produtores profissionais atentam para as exigências básicas da cunicultura, para formar planteis ou na hora de comprá-los como *pets*.

“O problema maior é que, quando o coelho chega na casa das pessoas, elas querem ficar com ele no colo brincando. Não é por aí. O coelho sai da mãe, perde o ambiente, então quando chega na casa, tem que ficar quieto na gaiola dele”, observa a criadora Helena Saturnino, de Campo Limpo (SP).

Segundo o seu marido, Laerte Tvardovskas, são frequentes as ligações que o casal recebe de clientes que não sabem cuidar dos coelhos depois da aquisição. “Vem reclamação que teve diarreia, ficou doente, foi pro veterinário, custou dois mil reais em tratamento e, mesmo assim, morreu”, conta o produtor.

Há quase 40 anos no mercado, a Granja Bela Vista trabalha com três espécies (Gigante de Flandres, Anão Holandês e Mini Lop), todas apropriadas para domesticação. Com produção média de 500 animais por ano, o casal destina 60% da venda para o mercado *pet* e 40% para outros criadores. O lucro da atividade, segundo eles, é de 300%.

Para auxiliar os clientes na domesticação dos animais, que costumam viver até dez anos, Laerte oferece um manual de criação, além de atender o mercado de criadores com treinamento profissional. A primeira recomendação é sobre alojamento: as gaiolas devem estar num ambiente tranquilo, sem corrente de ar, equipadas com bebedouro e superfície que evite o contato com as fezes e urina. “O coelho pratica coprofagia [comer fezes]. Se fica num ambiente sujo, acaba tendo contaminação”, diz Helena.

Recomenda-se que a ração utilizada na domesticação seja a mesma do período de criação, geralmente uma composição de rami (ração especial) e feno. Os coelhos são vendidos com 55 dias de vida e precisam passar pelo menos duas semanas na gaiola. Depois, devem ficar livres pela casa ou quintal pelo menos duas horas por dia e sua dieta pode incluir frutas, legumes e capins. Para evitar que o animal roa o pé de mesas e cadeiras, é bom deixar tocos de madeira *pallet* na gaiola. “O coelho rói coisas porque os dentes estão em constante crescimento, então eles roem tudo que é madeira”, acrescenta a criadora.

Ao passo em que a gaiola e o bebedouro devem ser limpos constantemente, a higiene do coelho só pode envolver banho em último caso, com água morna e shampoo, sem molhar a cabeça. Eventualmente, o dono precisa pentear o animal para retirar a sujeira grudada em seus pelos e observar o surgimento de falhas e feridas na pelagem. Quando houver indício de doenças, é necessário consultar um veterinário.

Segundo os criadores, além dos cuidados, é muito importante observar a origem dos animais na hora da compra. Criadores mais experientes tatuam a orelha dos bichos para denominar sua origem. “Antigamente não existiam muitos criadores. Hoje, tem muita

gente que compra um casal e sai vendendo as crias nas redes sociais. O mercado está muito bagunçado”, alerta Helena.

Atividade ainda é tida como *hobby*

Introduzida no Brasil nos anos 1950, a cunicultura, muito comum na Europa em função do consumo da carne de coelho, ainda é vista como uma atividade secundária pelo setor rural brasileiro. “O perfil é de pequenos produtores, jovens de 20 a 40 anos, que têm na criação de coelhos uma segunda fonte de renda. São pessoas com bons níveis de estudo e uma média de 20 a 50 matrizes”, observa o especialista Luiz Machado, da UFMG.

A atividade se destaca entre gaúchos, dos quais o empresário do setor calçadista Rubem Engelmann, de Dois Irmãos (RS), é um dos criadores mais antigos. Com produção anual de 750 coelhos da raça Gigante de Flandres, que chegam a pesar 9 kg, Engelmann produz leporídeos há 54 anos, mas somente nos anos 2000 começou a vender os animais para *pet shops* em todo o Brasil. “Comecei como hobby e me vi obrigado a profissionalizar”, ele diz: “Mas, para ser dependente apenas da criação de coelhos, tem que ter um plantel maior e, no segmento de carne, um frigorífico à disposição”.

Presidente da Associação Científica Brasileira de Cunicultura (ACBC), Leandro Dalcin observa que a criação para abate ainda é uma atividade menor da cunicultura, pois gera pouco lucro e muita polêmica em relação ao direito dos animais — o animal custa até R\$ 30 na venda a frigoríficos, enquanto chega a valer R\$ 300 nos *pet shops*. Com apenas 16 associados, a entidade estima que há de 600 a 800 cunicultores do Brasil e trabalha com pelo menos 100 produtores não-sócios. “Ainda é uma atividade muito coadjuvante. Nossa meta é estruturar a cadeia produtiva — o que estamos fazendo com informação científica e a união dos elos produtivos”, ele diz.

No segmento de carne, a produção brasileira é de algo entre 750 a 1.500 toneladas, de acordo com informações da ACBC e da FAO, uma quantidade irrisória se comparada, por exemplo, à China: 800 mil toneladas.

O criador Antônio Beltrame, que trabalha no setor imobiliário em Maringá (PR), começou a produzir no ano passado, com vinte matrizes e três machos, de três raças diferentes, para *pet* e também abate. “O meu *hobby*, agora, é criar coelho. Mas é um hobby profissional, para gerar renda”, observa, à espera de que a Cocamar, localizada na região, comece a produzir ração para coelho, conhecida como rami. “O *pet* é mais sensível em relação a doenças, precisa de mais cuidado”, diz Beltrame, que prefere produzir carne de coelho em vez de animais domésticos.

Já o criador Moacir Colombo, dono da Granja Paraíso, em Juiz de Fora (MG), chegou a ter um plantel com 800 coelhos, mas hoje mantém uma produção média de 250 animais por ano. “Perdi muito coelho por bobagem. Eu ainda não tinha conhecimento”, ele diz. O criador lembra que, além de serem animais de estimação, os coelhos podem ser utilizados em terapias, como é feito, por exemplo, na Apae, segundo a ACBC. “Tem uma cliente minha que é uma senhora que tem um filho esquizofrênico. Ela usou os coelhos para melhorar a comunicação do menino”, recorda Colombo.